

Art. 327. No processo simbólico observa-se-ão as seguintes normas:

I — os Senadores que aprovarem a matéria deverão permanecer sentados, levantando-se os que votarem pela rejeição;

II — O voto dos Líderes representará o de seus líderes presentes, permitida a declaração de voto;

III — se algum Senador requerer verificação, repetir-se-á a votação pelo processo nominal; (*)

IV — não será admitido requerimento de verificação se:

a) algum Senador já houver usado da palavra para declaração de voto;

b) a Presidência já houver anunciado a matéria seguinte;

V — antes de anunciado o resultado, será lícito computar-se o voto do Senador que penetrar no recinto após a votação;

VI — verificada a falta de quorum, o Presidente suspenderá a sessão, fazendo acionar as campanhas durante dez minutos, após o que esta será reaberta, procedendo-se a nova votação; (*)

VII — confirmada a falta de número, ficará adiada a votação, que será reiniciada ao voltar a matéria à deliberação do Plenário;

VIII — se, ao processar-se a verificação, o requerente não estiver presente ou deixar de votar, considerar-se-á como tendo dela desistido;

IX — considerar-se-á como requerida verificação, qualquer dúvida levantada, durante a votação,

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — O projeto lido após publicado e distribuído em avulsos ficará sobre a mesa pelo prazo de 3 sessões a fim de receber emendas, após o que será despachado às comissões competentes.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — A Presidência comunica ao plenário que, tendo em vista a nova proporcionalidade partidária e de acordo com as indicações das lideranças, fica assim constituída a comissão parlamentar de inquérito criada pela Resolução nº 22, de 1984, que analisa o funcionamento do sistema financeiro e de seu principal agente financeiro — Banco Nacional da Habitação — BNH.

Pelo Partido Democrático Social — Titulares — Senadores Jorge Kalume, Jutahy Magalhães e Virgílio Távora — Suplentes — Moacyr Duarte e Gabriel Hermes.

Pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro — Titulares — Senadores Henrique Santillo e João Calmon — Suplentes — Enéas Faria e Gastão Müller.

Pelo Partido da Frente Liberal — Titulares — Senadores José Lins e Eunice Michiles — Suplente — Lourival Baptista.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — A Presidência recebeu a Mensagem nº 104, de 1985 (nº 258/85, na origem), pela qual o Senhor Presidente da República, nos termos do art. 42, item VI, da Constituição, e de acordo com o art. 2º, da Resolução nº 93/76, do Senado Federal, solicita autorização para que a Prefeitura Municipal de Jundiá (SP), possa contratar operação de crédito, para os fins que especifica.

A matéria será despachada às Comissões de Economia, de Constituição e Justiça e de Municípios.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — O tempo destinado aos oradores do Expediente da presente sessão será dedicado a comemorar os vinte e cinco anos do *Correio Braziliense*, nos termos do Requerimento nº 76, de 1985, de autoria do Senador Murilo Badaró e outros senhores Senadores.

Concedo a palavra ao nobre senhor Senador Luiz Viana.

O SR. LUIZ VIANA (PDS — BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Por uma grata e honrosa designação do Líder da minha Bancada, o eminente Senador Murilo Badaró, devo aqui, em nome do meu Partido, assinalar os 25 anos de existência do *Correio Braziliense*.

Digo que é uma grata oportunidade, porque a efeméride permite que, numa só oportunidade, falemos primeiro de Hipólito José da Costa, cujo nome está, evidentemente, indissolúvelmente, ligado ao título do jornal. Depois, lebramos essa outra grande figura que foi Assis Chateaubriand. E por último, naturalmente, tecer alguns comentários sobre o próprio jornal nos seus 25 anos de luta de existência, de serviços à comunidade de Brasília, e ao Brasil, podemos dizer.

Quanto a Hipólito José da Costa é ele, sem dúvida, o precursor do jornalismo brasileiro, tendo em 1808, depois de uma existência já mais ou menos agitada, como "pedreiro livre", como se dizia então, maçom, revolucionário, rebelde, indo fundar em Londres — e Londres que seria, durante muitos e muitos anos, a pátria da liberdade em todo o mundo — sob a garantia das leis inglesas que Hipólito José da Costa encontrou quanta para ali fundar aquele órgão de imprensa que existiu até depois da nossa Independência, o que permitiu, assim, que tivesse uma existência de 1808 até 1823.

O que representa esta fato da manutenção, no estrangeiro, de um órgão voltado para os problemas do Brasil Colônia, do Brasil que ainda lutava para ser independente, é realmente alguma coisa de extraordinário. E ele, ao fim da vida, pouco antes de morrer, declarava em Londres que havia lançado um pequeno regato que o tempo, o trabalho haviam transformado num caudaloso rio. E era verdade.

Era verdade, Sr. Presidente, que o *Correio Braziliense*, pelas muitas posições que tomou, pela maneira por que estudou, discutiu e expôs os problemas relativos à Colônia Portuguesa, ele seria fundamental na formação do Estado brasileiro.

Nem esquecerei aqui uma frase, um conceito de Varnhagen, certamente o maior dos nossos historiadores, pois é Varnhagen quem diz o seguinte: "Não cremos que nenhum estadista concorreisse mais, para preparar a formação, no Brasil, de um Império Constitucional do que o ilustre redator do *Correio Braziliense*."

Creio que não se poderia ser mais enfático mais eloqüente para fixar, para dar a medida do que representou o *Correio Braziliense* da vida do Brasil do que essa frase, do que esse conceito emitido pelo Visconde de Porto Seguro.

Realmente, assim foi. Mas, já que vamos falar do *Correio Braziliense* de hoje, do seu título, eu queria assinalar aqui, que há uma relação fundamental, pois não foi por uma mera preferência, por uma simpatia de ordem histórica, pessoal, que Chateaubriand trouxe para o seu jornal o título do grande órgão de Hipólito José da Costa. Hipólito José da Costa é um dos pregadores, um dos pregadores, um dos defensores de Brasília, porque nas páginas do *correio Braziliense* ele desenvolveu uma longa campanha para mostrar, para afirmar que o Rio de Janeiro não tinha condições necessárias para ser a Capital do Brasil e que esta devia ser implantada no interior, onde haveria, não apenas maior segurança, mas também uma melhor comunicação com as várias províncias do País.

É, portanto, com a visão extraordinária do estadista, do homem de Estado que compreende que não era ali, à beira-mar, não era nas comodidades, comodidades do Rio de Janeiro, que deveria permanecer a Capital do País. Esta deveria procurar, segundo ele, as cabeceiras do São Francisco. Ora, quem no começo do Século XIX, quando tão mal conhecia o interior do Brasil, falava em

cabeceiras do São Francisco, virtualmente estava falando na essa imensa região central onde se encontra a Capital da República, tão próximo de nós está o Rio São Francisco, com as suas cabeceiras.

Não admira, portanto, Sr. Presidente, que Assis Chateaubriand houvesse buscado esse título para o seu jornal, conservando, inclusive, aquela não sei se singularidade, mas desusada letra "z" do *Correio Braziliense*. É o mesmo título, *ipsis verbis*, que fora usado por Hipólito José da Costa.

Essa aventura de fazer um jornal em Brasília, Sr. Presidente, naquela Brasília de que nós, ou pelo menos muitos de nós, nos lembramos bem, a Brasília do fim dos anos 50, começo dos anos 60, em que dificilmente se poderia imaginar que alguém se aventurasse a aqui ficar um novo jornal, fe-lo Chateaubriand. O que é não uma exceção, um acaso na sua vida. Não! É continuidade de Chateaubriand. É o Chateaubriand de sempre, desde a hora em que saiu da sua Paraíba, com aquele espírito de lutar, com aquela inteligência de pioneiro, pronto a dirigir no Brasil as mais memoráveis campanhas. Realmente, poucos homens, Sr. Presidente, se assinalam na vida brasileira, com a mesma estatura de serviços à comunidade que Chateaubriand. Podem discutí-lo, podem negá-lo, podem atacá-lo, mas as grandes realizações, os grandes feitos que ele comandou aí estão, para dar a real medida da sua personalidade. Não é preciso lembrar aqui o que foi a campanha da aviação nacional quando, pelo esforço de Chateaubriand, se semearam pelo Brasil dezenas e dezenas de aeroportos, numa época em que a aviação ainda era uma temeridade, em que se distribuíram nesses aeroportos, para instrução da nossa mocidade, para atraí-la para o gosto da aeronáutica, dezenas e dezenas de pequenos aviões. Essa semente cresceu, essa semente medrou e, hoje, reconhecemos que não fora a aviação, não fossem esses campos que se espalham por todo território nacional, o Brasil seria bem diferente, se é que o nosso tempo pudesse existir sem aviação.

Chateaubriand teve, entretanto, aquela visão que lhe era própria, a visão do homem que pensava largo, pensava fundo, e que via o Brasil em toda a sua grandeza, em toda a sua dimensão.

Não ficam aí os feitos de Chateaubriand. Quem não se lembra do que foi a Campanha Nacional da Criança? Hoje ela seria pequena, seria de pequeno porte, mas ao tempo extraordinária. Ela levou mais do que aquele material que fazia chegar às pequenas comunidades do interior; ela levou à consciência, ela criou no País a consciência de que nos devíamos voltar para a criança, para a maternidade, pois ali é que estava o futuro do País, o futuro da Nação. Isto devemos à Assis Chateaubriand. É ele o iniciador dessa grande obra de assistência nacional à criança. Antes dele, creio, ou pelo menos no que nos diz respeito, jamais se ouvira falar numa campanha destinada a apoiar a criança brasileira.

Mas, se quisermos sair desses terrenos, talvez mais pragmáticos, vamos encontrar Chateaubriand fundando o admirável Museu de São Paulo, Museu Assis Chateaubriand, onde ele reuniu quadros que hoje seria impossível ao Brasil pensar em adquirir, tal o preço que alcançam nos mercados internacionais, onde são vendidos por milhões e milhões de dólares. Hoje, o Brasil não teria condições, nem os particulares nem o Governo, de comprar, de adquirir um acervo artístico como o que lá se encontra em São Paulo, doado, organizado, estimulado pelo grande brasileiro que foi Assis Chateaubriand.

Pois bem, meus Senhores, foi com esse mesmo espírito que Chateaubriand, no momento em que se desenhava a possibilidade da criação, da fundação de uma nova capital no Brasil, ele acolheu a idéia que, se não estou em engano, surgiu numa das reuniões dos Associados em Guarujá, nos idos de 1958. Percebeu ele, com a visão que lhe era própria, ser impossível termos uma capital, termos

uma grande cidade onde não houvesse também um grande jornal. Realmente é inseparável, hoje, na vida moderna, a existência de uma cidade, de uma comunidade, pelo menos dentro da nossa civilização, que não disponha de um órgão de publicidade adequado. E para que se tenha logo a medida do que representa a imprensa, do que é a imprensa, eu não me quero furtar a lembrar e a reproduzir aqui aquele conceito, bastante conhecido, repetido mas que nunca é demais repetir, de Rui Barbosa sobre o papel da imprensa:

"A imprensa é a vista da Nação; por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe. Enxerga o que lhe faz, devesse o que lhe ocultam e tramam; colhe o que lhe sonegam ou roubam, percebe onde lhe alvejam ou nodam; mede o que lhe cerciam ou destroem; vela pelo que lhe interessa e se acatela do que a ameaça."

Ora, Sr. Presidente, Srs. Senadores, se isso é a imprensa, se realmente a imprensa é isso, como pensarmos que pudesse existir uma capital sem contar com um grande órgão de publicidade, sem um grande órgão jornalístico como é o **Correio Braziliense**?

O Sr. **Luiz Viana** — V. Ex.^a me concede a honra de um aparte?

O Sr. **LUÍZ VIANA** — Com muito prazer, nobre Senador.

O Sr. **Luiz Viana** — Senador Luiz Viana, eu lhe peço desculpas e também à Casa por interromper o seu brilhante pronunciamento. V. Ex.^a é o mestre de todos nós e eu me sinto muito orgulhoso de tê-lo como conterrâneo, porque V. Ex.^a é um dos pró-homens da minha Bahia.

Interrompo o seu brilhante pronunciamento para inserir um modesto aparte que não poderia deixar de fazê-lo, tão grandes e tão sólidas foram as minhas ligações com a figura imortecida de Assis Chateaubriand. Tive o privilégio de sua amizade e dele recebi sempre o estimulante apoio. V. Ex.^a em nome do Senado, homenagem o **Correio Braziliense** pelo transcurso de vinte e cinco anos de bons e relevantes serviços prestados à imprensa brasileira, aqui na jovem Capital, e através do seu pronunciamento relembra a figura admirável de Hipólito José da Costa, o inspirador desse jornal, figura nunca esquecida de um dos homens mais exponenciais da Pátria brasileira, na galeria dos pró-homens do Brasil, que é a figura de Assis Chateaubriand, que há de figurar sempre como um grande pioneiro, como o construtor de um grande império, e que numa época de dificuldades fundava jornais; a televisão mal iniciava e já ele trazia para o Brasil, espargindo por todos os recantos da Pátria, aquela novidade, aquele veículo admirável de comunicação, a rádio. Enfim Chateaubriand deixou como exemplo aos seus seguidores os **Diários Associados**. Felizmente a sua chama, a chama que ele acendeu no coração do Brasil, não se apagou e os seus seguidores — e vários foram os seus seguidores e os seus discípulos — que o acompanharam nas horas mais difíceis da sua vida, como também nos momentos mais brilhantes da sua existência. Presentes aqui estão João Calmon, que é um de seus discípulos; ali eu vejo Paulo Cabral, Cid Varela, Ari Cunha e os mais jovens, Ronaldo Junqueira, Oblitzner; os que mantêm no Planalto Central essa chama admirável que Assis Chateaubriand legou a Brasil. Desculpe V. Ex.^a por interromper o seu brilhante pronunciamento, mas vai este aparte como uma demonstração de que a amizade também não fenecesse, que ainda hoje quando se pronuncia o nome de Assis Chateaubriand, homenageando um veículo, um instrumento do seu trabalho que é o **Correio Braziliense**, eu não poderia estar ausente para demonstrar que ele, Assis Chateaubriand, continua presen-

te na minha lembrança, mas, sobretudo, continua vivo, permanentemente vivo, no meu coração.

O Sr. **LUÍZ VIANA** — Agradeço a V. Ex.^a o eloquente aparte com que acaba de honrar o meu discurso.

Mas, Sr. Presidente, falava eu do que representava àquele tempo aquela idéia de Chateaubriand em criar no Planalto Central, concomitantemente com a inauguração de Brasília, aquela Brasília dos anos 60, cheia de poeira, pouco habitada, de movimentos restritos e donde as pessoas mal chegavam já marcavam a passagem de avião para a volta.

Pois foi aqui que Chateaubriand, creio que então Embaixador do Brasil em Londres, se não estou em engano, achou por bem instalar mais um de seus jornais, um jornal e uma televisão. Mas falemos só do jornal, embora devamos reconhecer a importância, as dificuldades, o que representou para a vida de Brasília, aqui também se instalar uma televisão. Mas, o extraordinário não é somente o que se tenha feito, ou o que ele tenha feito aquele jornal. É que esse jornal se tenha feito em meses, uma obra que hoje nós iríamos estimar em um ano, em dois anos ser implantada, em qualquer lugar. Agora, imaginem o que era, o que foi, trazer para Brasília todo o jornal, todo o seu maquinário, todo o seu pessoal aqui para o Planalto Central. Bastaria dizer que, no momento em que se lançou a pedra fundamental do **Correio Braziliense**, o Presidente Kubitschek e o então construtor, o Prefeito Israel Pinheiro, para assistirem, para presenciarem aquele lançamento, tiveram que ir de helicóptero porque não existiam caminhos, estradas ou meios de comunicação, para que eles ali chegassem para se encontrar com os pioneiros dessa grande realização. Isto ocorria em setembro de 1959, vale dizer, apenas seis meses antes do jornal circular, antes de aparecer em público, e que somente em dezembro — não sei se na primeira ou na segunda quinzena — chegavam, então, aqui Edilson Varela, Nereu Gusmão Bastos, Jean Paul Bodin, Victor Purri Neto e Francisco Braga Sobrinho. São nomes que acho que devo lembrar, antes de citar mesmo o nome de Paulo Cabral, então Presidente dos **Diários Associados**; e esse outro grande batalhador, esse outro grande homem de imprensa, nosso amigo, nosso colega ilustre, João Calmon, que divide com todos os seus companheiros, as glórias, os trabalhos, os sacrifícios representados pela criação do **Correio Braziliense**. Hoje tornou-se ele um benemerito da educação, àquele tempo ele era um pioneiro do jornalismo do Planalto Central.

Foi assim, Sr. Presidente, vencendo todos esses obstáculos, mas sob a direção realmente firme. Não era só direção; quem conheceu Assis Chateaubriand sabe o que era o seu entusiasmo, o que era a sua decisão, a sua vontade, quando se dispunha a realizar alguma coisa. Se é verdade que ele contou com a colaboração desses beneméritos e bravos pioneiros que ele, naquela maneira muito sua, que era ao mesmo tempo afetuosa e cariciosa, ele os chamava "Kubitschequinhos". Foi com esses Kubitschequinhos, dos quais temos presentes alguns deles, a começar por Edilson Varela que, mercê de Deus, ainda hoje é o Diretor do **Correio Braziliense**, para a alegria de todos nós.

Pois bem, foi vencendo essas dificuldades que eles conseguiram trazer aqui, por vários modos — por avião, por estradas, caminhões e jeeps — toda aquela parafernália de um jornal moderno. Uma impressora — naquele tempo a impressora era uma máquina enorme. As impressoras hoje, creio eu, se tornaram mais leves, mais portáteis; os linótipos, tudo isso eles trouxeram aqui, e trouxeram correndo porque havia o propósito de inaugurar o jornal à mesma data em que se inaugurava a Capital.

O Sr. **Passos Pôrto** — V. Ex.^a permite um aparte, nobre Senador?

O Sr. **LUÍZ VIANA** — Com muito prazer.

O Sr. **Passos Pôrto** — Peço desculpas a V. Ex.^a por interrompê-lo...

O Sr. **LUÍZ VIANA** — Não. Fico muito honrado.

O Sr. **Passos Pôrto** — ...no curso do seu brilhante discurso.

O Sr. **LUÍZ VIANA** — Modesto discurso.

O Sr. **Passos Pôrto** — V. Ex.^a representa todos nós, mas eu gostaria de ter o privilégio de também me congratular com os 25 anos do **Correio Braziliense**. Sou seu leitor desde o primeiro número, do dia 21 de abril de 1960, quando acompanho, Sr. Presidente e Sr. Senador Luiz Viana, o cotidiano desse matutino de Brasília, quem tem sido um jornal — apesar de não ser adversário do Governo, identificado com o Governo — crítico constante da vida da cidade, um defensor, o primeiro, de Brasília. Os seus repórteres, os seus redatores e a sua direção, aqui presente hoje, nesta homenagem, vale que se diga, se alguém um dia quiser escrever a história de Brasília basta consultar os números do **Correio Braziliense** e terá tudo o que se tem feito no Distrito Federal, na Capital da República, ao longo desses 25 anos. E ninguém melhor, realmente, do que Chateaubriand, o seu inspirador e o seu criador, nesta homenagem que V. Ex.^a faz neste instante, trazendo desde Hipólito da Costa até Ari Cunha, essa figura identificada com o **Correio Braziliense**, desde os primeiros dias, o homem que viveu, através do "Visto, Lido e Ouvido", a vida e as reivindicações da comunidade de Brasília. Associe-me ao discurso de V. Ex.^a que já fala em nome de todos nós, porque o **Correio Braziliense** é, sem dúvida alguma, o maior patrimônio de Brasília.

O Sr. **Virgílio Távora** — Permite V. Ex.^a um aparte?

O Sr. **LUÍZ VIANA** — Com prazer, ouço o nobre Senador Virgílio Távora.

O Sr. **Virgílio Távora** — A idade nos dá sempre esse privilégio das recordações de tempos passados.

O Sr. **LUÍZ VIANA** — Melancólico!

O Sr. **Virgílio Távora** — Não chegamos a esse ponto. Por enquanto não estou melancólico, só saudosos. Mas, ilustre Senador, hoje, ouvindo o primoroso discurso de V. Ex.^a, vêm-nos à mente um quadro: na direção da NOVACA, daquele tempo, da qual fazíamos parte por delegação de nosso Partido, quando este outro homem tão injustiçado mas, ao mesmo tempo, a quem tanto deve o Brasil e Brasília, que é Israel Pinheiro, presidente daquela empresa estatal, comunicava a todos nós que quando Brasília fosse inaugurada — então até a data da inauguração de Brasília era contestada — teríamos, sem sombra de dúvida, ressurgido como Fênix, o **Correio Braziliense**, que Hipólito José há mais de século havia lançado, num brado redentor de independência. Recordando-nos que duvidamos, mas quando ele nos afirmou que no aval desta iniciativa estava este outro homem, que a Paraíba mandou ao Brasil, que era Assis Chateaubriand, não tivemos mais dúvidas de que a promessa se transformaria em realidade. Os tempos passam e as memórias se esmaecem, mas recordamos-nos bastante daquilo de entusiasmo, de vibração, não só nós, da direção, como todos aqueles presentes à reunião sentiriam, quando soubemos que na inauguração de Brasília, a pertinência de Chateaubriand, acompanhado desses que ele chamava, os "Kubitschequinhos", com Edilson Varela à frente, há pouco referidos por um dos oradores aqui, tornava possível esse grande sonho daqueles candangos de então. Hoje, isso seria um fato a registrar, mas naquele tempo, calcule V. Ex.^a, o que de euforia despertou em todos aqueles acampamentos, em todas aquelas empre-

teiras que, na terra da Nova Capital, davam com seu suor o esforço para que ela se tornasse uma realidade. E o **Correio** não desmereceu a esperança em sua ação depositada.

O SR. LUIZ VIANA — Agradeço o aparte de V. Ex.^a que tanto *ilustra* e tanto *informa* sobre os primórdios do **Correio Braziliense**.

O Sr. Albano Franco — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Ouço V. Ex.^a Senador Albano Franco.

O Sr. Albano Franco — Nobre Senador Luiz Viana, como sempre ouvimos com a devida atenção as palavras por V. Ex.^a proferidas nesta Casa e, nesta hora, desejo me associar às palavras de V. Ex.^a disse nesta tarde, pelos 25 anos do **Correio Braziliense** esse jornal feito e constituído por uma equipe de homens, inclusive de colegas nossos, como o Senador João Calmon, Dr. Paulo Cabral, como o jornalista Ari Cunha, e Dr. Edison Varela esse meu amigo, uma grande figura humana e grande administrador, desejo dizer que, realmente, o **Correio Braziliense**, através da sua participação nas informações políticas, econômicas e, principalmente, desta cidade, o credenciamos com um dos melhores jornais do País. E V. Ex.^a nobre Senador Luiz Viana, ao fazer um histórico, mostra e demonstra o que tem feito este jornal em favor de Brasília e do País.

O SR. LUIZ VIANA — Agradeço a V. Ex.^a Sr. Presidente, somente um "currupira" — foi assim que alguém já chamou Chateaubriand — comandando essa pleiade de grandes jornalistas realizaria essa façanha admirável.

Quando, certa vez, pensei no que foi editar-se, realmente, no dia 21 de abril o **Correio Braziliense**, o que me veio à mente, permitam que eu diga, foi aquele livro que leri na minha infância, "A Volta ao Mundo em 80 dias". Pois bem, fez-se o **Correio Braziliense** não em 80, mas em pouco mais de 180 dias. É uma aventura, é uma façanha, é uma realização que é digna dos bandeirantes do Século XVI, do Século XVII. Eles foram os bandeirantes do Século XX; Edison Varela, Ari Cunha, Paulo Cabral, João Calmon são bandeirantes; são bandeirantes que vieram aqui para o **Brasil Central** trazer esse elemento de cultura e de informação que, ao longo de 25 anos de trabalho sério, se identificou inteiramente com a vida da cidade.

O Sr. Murilo Badaró — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com muito prazer.

O Sr. Murilo Badaró — Nobre Senador Luiz Viana, não foi por acaso que tive a honra de indicar V. Ex.^a para, em nome do PDS, homenagear o Jubileu de Prata do **Correio Braziliense**. Se certamente em nossa Bancada, nós possuímos valores excepcionais, nenhum, todavia, mais credenciado do que V. Ex.^a pelos seus títulos políticos ...

O SR. LUIZ VIANA — É bondade de V. Ex.^a

O Sr. Murilo Badaró — ... de intelectual, de historiador e de homem voltado para as coisas do espírito, para dizer do significado e da importância que este evento tem para a vida desta Cidade e, de resto, para a vida brasileira. V. Ex.^a fez referência a algumas figuras notáveis, algumas já se foram, mas na qualidade de mineiro — é esta condição que estou apartando V. Ex.^a — não poderia deixar de assinalar, e é possível que isto tenha ocorrido em outros estados, mas não há província brasileira, em que o jornal tenha de tal forma penetrado em sua vida, em suas coisas, em sua cultura, em sua maneira de ser, de pensar e de agir do que o principal órgão dos Diários Associados em Minas, que é o **Estado de Minas**. E dentro de tantas figuras excepcionais de redatores, de jornalistas

que ali trabalharam, não posso deixar de me referir a duas figuras notáveis que já se foram, duas figuras notáveis pela inteligência, pela cultura, pelo humanismo; Hermenegildo Chaves, o famoso "Mãozeca", que era um dos redatores mais primorosos que a imprensa mineira já conheceu, por certo a brasileira também. E o outro, Geraldo Teixeira da Costa, conhecido como Gegê, uma das lideranças mais lúcidas que o jornalismo mineiro já produziu. Foram esses homens que já se incorporaram à nossa saudade, ao lado de Pedro Agnaldo Fugêncio, de Camilo Teixeira da Costa, de Theodilo Pereira, a que se somou num determinado tempo, talento e a inteligência fulgurante de Paulo Cabral. Foram esses homens que conseguiram manter em Minas Gerais permanentemente acessa aquela chama a que se referiu o Senador Lomanto Júnior e que Assis Chateaubriand deixou com o seu exemplo, com a sua ação e com a sua palavra. E hoje ao ver aqui João Calmon, este bravo e intemerato jornalista, Edison Varela, Ari Cunha, Ronaldo Junqueira, Alfredo Obiziner e tantos outros, em quem fico lembrando de algo escrito numa das cartas de Thomas Jefferson, que considerava a liberdade de imprensa como a "rainha das liberdades." E é, certamente, porque esses homens consideram a liberdade de imprensa como a "rainha das liberdades", é que eles são capazes de produzir, em meio a tantas vicissitudes, a tantas dificuldades, um jornalismo que os credencia ao respeito, à estima e a admiração de todo Brasil.

O SR. LUIZ VIANA — Agradeço as generosas palavras de V. Ex.^a que tanto ilustram o meu discurso, com a lembrança de eminentes homens de imprensa, alguns, infelizmente, já desaparecidos.

Mas, ao fazer aqui, em nome do meu Partido, o registro desses 25 anos, que como eu disse, de trabalho, de cultura, de representatividade para a vida da Capital do País, à qual, o **Correio Braziliense** está indissolivelmente ligado, desejo, não apenas congratular-me com os grandes responsáveis, os maiores do **Correio Braziliense**, como os que estão aqui presentes: Ari Cunha, Paulo Cabral, Edison Varela, João Calmon. Congratulo-me com eles pelo que fizeram, pelo pioneirismo que representaram nos anos 60; hoje tudo é fácil, mas eu sei que aquele tempo tudo era difícil. Mas eles vão continuar, e estou certo que daqui a 25 anos, quando se completar o Jubileu de Ouro do **Correio Braziliense**, outras vezes, ainda com mais entusiasmo do que a minha, irão se congratular com emoção e reconhecimento, porque o reconhecimento também está nas nossas palavras e na nossa admiração. Admiração que temos por uma obra que é verdadeiramente singular, não apenas no Brasil, mas acredito que no mundo não haverá exemplo de um jornal fundado, criado e a funcionar, como ocorreu com o **Correio Braziliense** que, em 25 anos, se transforma num dos maiores jornais do País, e sem dúvida, num jornal indispensável à vida de todos os brasileiros. Nenhum de nós desde aqueles que chegaram com a inauguração, como é o meu caso, bem como aqueles que vieram chegando aos poucos, já sem os mesmos percalços, sem os mesmos incômodos, sem as mesmas dificuldades, logo se familiarizaram com aquele grande órgão que é, dia-a-dia, o espelho, o reflexo, a alma de uma grande cidade, de uma grande capital.

Minhas congratulações ao **Correio Braziliense** e aos seus dirigentes, para que continuem com a mesma bravura, com a mesma energia, com a mesma coragem, servindo do Brasil e servindo ao Brasil.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador Nivaldo Machado.

O SR. NIVALDO MACHADO (PFL — PE. Pronuncia o seguinte discurso). — Sr. Presidente, Sr. Senadores, ilustríssimos Srs. Dr. Paulo Cabral e Edison Cid Varela, Diretor dos Diários Associados e Diretor Superin-

tendente do **Correio Braziliense**, Ilmos. Srs. Jornalistas Ari Cunha e Ronaldo Junqueira, Diretor do **Correio Braziliense** e Editor-Chefe do mesmo órgão:

É sobretudo grata e honrosa a missão a mim delegada pelo eminente líder, senador Carlos Chiarelli, para falar em nome do Partido da Frente Liberal na oportunidade em que o Senado presta justa e merecida homenagem ao **Correio Braziliense**, pelo transcurso, a 21 de abril próximo findo, dos seus 25 anos de circulação nesta cidade.

Relevem-me, os nobres companheiros de representação popular, o lugar comum, que aqui é insubstituível.

Não há outras palavras de que me possa socorrer, no momento, para definir, com maior precisão, o significado deste ato.

A data, comemorada com simpatia e júbilo, não só pelo Congresso Nacional, como também por toda a população da área a que chega a sua influência, assinala a atividade ininterrupta e positiva desse prestigioso órgão da imprensa do nosso País, a cuja história se incorporou, já por direito de nascimento, já por direito de conquista.

Assim, minha alegria é dupla, porque a missão sobre ser grata e honrosa, confere-me, por outro lado, o privilégio de falar mesmo sem delegação expressa — tenho certeza — em nome de toda a população do Distrito Federal e de outros tantos lugares anexo do **Correio Braziliense** leva, já agora há mais de 25 anos, seu noticiário e sua ação decisiva na formação da opinião pública, cumprindo o importante papel inerente à imprensa, como força congênera do Parlamento e válvula de segurança do regime democrático.

Por seu trabalho e por sua seriedade, o **Correio tornou-se um jornal querido** no Centro-Oeste e respeito nacionalmente. E não é para menos. Sua história, desde o seu nascimento, naquele 21 de abril de 1960, guarda uma simbiose perfeita com a história de Brasília. São duas páginas de pioneirismo à vida nacional, que só podem orgulhar o povo brasileiro.

O próprio nome do jornal, feliz escolha do espírito empreendedor de Assis Chateaubriand, já traz a marca do pioneirismo. No dia 6 de junho de 1808, o gacho Hipólito José da Costa lançava, em Londres, o **Correio Braziliense**, "a primeira gazeta sobre o Brasil e destinada aos brasileiros, editada em língua portuguesa, livre, emancipada, independente, isenta de censuras, privilégios e beneplácitos", segundo conta Carlos Rizzini, um dos principais estudiosos da vida desse grande brasileiro e de seu jornal.

"Era um periódico alentado, de preciosas e fidedignas informações, que circulou pontualmente até dezembro de 1822, num total de 175 números", ainda de acordo com Rizzini, quando o seu criador — que o fazia sozinho — deu por encerrada sua missão, com a proclamação da Independência do Brasil. Embora não tivesse sido um batalhão de primeira hora por esta conquista histórica de nosso povo, Hipólito José da Costa concorreu como ninguém para concretizá-la. Foram as suas idéias, pregadas ao longo de quatorze anos, que triunfaram com as reformas e melhoramentos nascidos da nossa autonomia.

Esse mesmo pioneirismo e o espírito progressista também estavam presentes no ressurgimento do **Correio Braziliense**, 137 anos depois, quando muito pouca gente ainda acreditava na proposta de Juscelino Kubitschek, de transferir a capital do País para o Planalto Central. Brasília aos 25 anos, ontem sonho de muitas gerações de patriotas, é hoje realidade palpante como verdadeiro centro do poder, trepidante e progressista, graças ao arrojado e a visão desse estadista que soube convocar as energias da nacionalidade, conquistar a confiança do povo e exigir-lhe os sacrifícios necessários à concretização deste extraordinário projeto, desafio que só uma nação jovem, conscientemente voltada para o futuro, como o Brasil, teria condições de enfrentar e vencer.